

FAMÍLIA E TRABALHO: O (DES)COMPASSO ENTRE CONVIVÊNCIA CONJUGAL, CUIDADOS COM OS FILHOS PEQUENOS E ATIVIDADES PROFISSIONAIS¹

*Cinthia Barreto Santos Souza*²

Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal),
e-mail: cinthia.familia@yahoo.com.br

*Lúcia Vaz de Campos Moreira*³

Professora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea
(UCSal), e-mail: luciavcm@oi.com.br

Resumo: Esta pesquisa objetivou identificar como os casais com filhos pequenos estão organizando-se para conciliar família, vida conjugal, cuidados com os filhos e realização profissional. Caracteriza-se por ser um estudo quantitativo que teve como participantes 30 pais e 30 mães, totalizando 30 casais que convivem juntos e têm filho(s) com idades entre dois e cinco anos. Foi realizado em Santo Antonio de Jesus, cidade do interior da Bahia, com os pais de uma escola particular. O instrumento foi um questionário adaptado a partir do roteiro construído no Projeto *FAMWORK*. Os dados obtidos foram analisados utilizando o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Obteve-se como resultados: existe um esforço real entre os casais e profissionais para conciliar família e trabalho. Diante disso, verifica-se a necessidade de outros estudos que aprofundem e ampliem os resultados aqui obtidos.

Palavras-chave: Família. Trabalho. Conciliação família-trabalho.

Abstract: This research aimed to identify how couples with little children organize themselves to conciliate family, marriage life, care with the sons and professional fulfillment. It is characterized for being a quantitative study that has 30 (thirty) fathers and 30 (thirty) mothers as participants of the research. It was developed in Santo Antonio de Jesus, an interior city of Bahia with parents from a private school. The method consisted of a questionnaire adapted from the schedule of the *FAMWORK* Project. The data were analyzed by the *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). The results were: there is a real effort among couples and professionals to combine family and work. This verifies the necessity of other studies to become deep and extend the results obtained in this work.

Keywords: Family. Work. Family and work conciliation.

¹ O presente trabalho constitui parte da dissertação de mestrado da primeira autora orientada pela segunda. O título da dissertação é DE CASA PARA A RUA E DA RUA PARA CASA: IMPLICAÇÕES E INTERAÇÕES FAMÍLIA E TRABALHO. Tal pesquisa foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) e apresentada em 2012.

² Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

³ Doutora em Psicologia (USP) e professora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Introdução

Família e trabalho são esferas da vida que ocupam, cada vez mais, um lugar de importância para realização humana. Elas são desejadas como fonte de efetivação pessoal e social. Neste sentido, a interação entre ambas é muito relevante para o indivíduo situado no mundo contemporâneo.

Diante disso, a presente pesquisa objetivou identificar como os casais com filhos pequenos estão organizando-se para conciliar família, vida conjugal, cuidados com os filhos e realização profissional.

Revisão da Literatura

As novas formas de famílias emparelhadas às mudanças atuais do mercado de trabalho potencializam os estudos que aproximam as contingências familiares das profissionais, na contemporaneidade.

As interações entre trabalho e família têm despertado o interesse de muitos pesquisadores nos últimos anos, pois sua compreensão é importante para as famílias, as organizações e a sociedade como um todo (EDWARDS; ROTHBARD, 2000).

A família vem apresentando mudanças caracterizado-se pela redução do número de filhos, mobilidade conjugal, uniões consensuais, obrigações recíprocas entre cônjuges, busca por realização profissional, aumento de famílias monoparentais, entre outras. Tais fatores acentuam a diversidade de suas formas, bem como, estimulam a elaboração de estratégias relacionais de sobrevivência.

O fato é que os modelos de comportamento que regulavam as relações patriarcais, estudadas amplamente por Freyre (1992), não atendem mais às necessidades do mundo atual. O formato estável do exercício da autoridade do adulto/varão foi enfraquecido (CASTELL, 2003). Também perdeu força o modelo nuclear onde a rígida divisão do trabalho e do cuidado com os filhos não vigora mais.

Tradicionalmente, as famílias funcionavam segundo normas estabelecidas de forma clara e objetiva. Os ensinamentos eram transmitidos por meio do diálogo intergeracional, de pais para filhos, no espaço privado da casa. Afinal, afirma Donati (1998), a família nasce para regular interações e trocas de maneira não casual.

Atualmente, a dinâmica familiar enaltece aspectos mais subjetivos da convivência, tornando as relações mais instáveis e flutuantes. Desse modo, a família encontra-se no contexto da contemporaneidade, em mudança. Inserida nas dinâmicas das relações sociais, empenha-se em reorganizar aspectos de sua própria realidade alterada continuamente, pelo ambiente sociocultural em transformação.

Novos valores relacionais são incorporados. Féres-Carneiro (1999; 2003) anuncia que as mudanças concentram-se nas relações estabelecidas entre o casal e entre pais e filhos.

O perfil da família no cenário atual desenha-se a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho. Tal configuração eleva a expectativa feminina por um espaço de realização profissional, relativa autonomia de consumo, e convivência conjugal mais ajustada, no que se refere à divisão de tarefas familiares. Embora as promessas de igualdade de funções sejam evidenciadas, elas ainda se constituem numa disparidade entre homens e mulheres (JABLONSKI, 2003).

Na relação pais e filhos, cresce o investimento destinado à educação, saúde física e emocional. Para Campanini (1989), há um aumento de gratificação emocional e afetiva dos pais para com os filhos.

O desafio das famílias contemporâneas está na capacidade de adaptar-se às permanentes e progressivas variações as quais estão suscetíveis. O movimento é de esforço para garantir o bem estar das relações intersubjetivas, objetivo maior da família que coopera continuamente na construção, organização e reorganização da convivência entre seus membros.

O fato das mudanças familiares é uma realidade do contexto contemporâneo. Isto implica em estudos investigativos sobre os arranjos e relacionamentos nas estruturas familiares, evidenciando as relações de trabalho, conjugalidade e parentalidade.

Petrini (2004) afirma que algumas mudanças são irrenunciáveis conquistas porque ampliam a liberdade, estimulam relações igualitárias, respondem exigências pessoais e humanas. Outras advêm do interesse político em redesenhar o perfil populacional para atender a demandas econômicas e sociais de produção de recursos para o mercado.

Adentrando o espaço da produção por meio do trabalho, a família contemporânea comprova, cada vez mais, a presença ativa da mulher no mercado de trabalho. Tal acontecimento contraria a lógica tradicional da divisão do trabalho que há pouco tempo, concentrava a responsabilidade das tarefas domésticas nas mulheres, enquanto os homens destinavam-se ao mercado.

A nova configuração demanda um ajuste na dinâmica familiar a fim de atender a conciliação entre trabalho e relações familiares. Neste contexto, as interações parentais e de conjugalidade carecem de esforço para equilibrar variados papéis nos espaços do particular e do compartilhado.

Sobre tais papéis, Silva (2007) em dissertação de mestrado intitulada “Vida profissional e familiar: padrões de conflito e facilitação na gestão de múltiplos papéis”, realizada na Universidade do Porto, analisa as relações entre os papéis profissionais e familiares, numa amostra de casais de duplo rendimento com filho(s) em idade pré-escolar, enfatizando as condições potencializadoras de conflito e também as condições facilitadoras da relação entre as duas esferas.

O objetivo fundamental do trabalho da autora foi testar uma estrutura multidimensional da interface trabalho-família que compreende os aspectos positivos e negativos, em ambas, bem como, os valores de influência do trabalho para a família e da família para o trabalho (direções de *spillover*).

Como resultado, a pesquisadora verificou que o *spillover* negativo trabalho-família é mais frequente que o *spillover* negativo família-trabalho; contudo, para o processo de *spillover* positivo a família parece menos permeável às influências do trabalho, embora seja a origem destas influências. Isto quer dizer que o trabalho é mais influente na família que o contrário e que tais interferências são mais positivas, apesar da família ser a motivação para o trabalho.

Como estratégias de interação positiva, os dados da mesma pesquisa sugerem: (a) flexibilidade de tempo para realizar atividades no trabalho, o que gera autonomia e satisfação; (b) implementação de medidas de suporte para a família; (c) divisão de tarefas familiares que resulta na diminuição de sobrecarga e satisfação conjugal; (d) reconhecimento obtido pelo parceiro.

Os resultados apontam, ainda, que as mulheres continuam as principais responsáveis pelo trabalho familiar, sentindo-se sobrecarregadas e sofrendo maior conflito entre o seu papel familiar e profissional. Homens e mulheres percebem as

relações entre os dois papéis de forma distinta, havendo um grau de abertura, nos homens, para uma mudança nos padrões tradicionais relativos aos sexos. Enfim, pais e mães estão em busca de opções mais flexíveis e fluidas de trabalho que permitam integrar as duas esferas: trabalho e família.

Diante das informações, a questão maior é: como desenvolver estratégias de conciliação que satisfaçam as exigências do trabalho, o crescimento individual e as relações afetivas em família e no trabalho? A família precisa desenvolver competência para usufruir das vantagens conjugais e parentais integrando vida familiar e trabalho de forma conciliadora.

Na tentativa de promover tal integração entre família e trabalho, os estudos de Diniz (1996) apontam para os diferentes arranjos conjugais para explicar prováveis dificuldades e facilidades experienciadas na prática do cotidiano familiar.

O arranjo denominado tradicional ou normativo foi o modelo ideal durante décadas, escreve Diniz (1996). Nesse, havia uma clara determinação de papéis. O homem aparece como provedor e a mulher como cuidadora dos filhos e responsável pelas tarefas domésticas.

Numa situação de posição intermediária, estão os casais em que a mulher trabalha em tempo parcial ou em situação temporária. Já os casais em que os dois trabalham fora em tempo integral, esses, segundo Diniz (1996), devem ser categorizados em três grupos: os casais de duplo trabalho, os de dupla carreira e os mistos.

Duplo trabalho corresponde à configuração em que as atividades executadas por ambos, não exigem alto grau de instrução tão pouco pressupõe progressão e durabilidade.

Os casais de dupla carreira ocupam posições que exigem alto investimento e constante trabalho de capacitação. Segundo Gilbert e Rachlin (1987), esses estariam em frequente zona de conflito gerada pela exigência da carreira, estilo de vida acelerado e em progressão. Muitos casais inseridos nesse contexto podem enfrentar dificuldades relativas à distância física, quando residem em lugares diferentes um do outro.

Os casais ditos mistos são assim designados porque agregam as duas formas de ocupação onde um pode ser profissional de carreira e outro de trabalho. Tais estilos de arranjos conjugais em consonância com as formas de inserção no trabalho podem

influenciar as relações familiares afetando positivamente ou não, na conciliação entre família e trabalho profissional.

Entender a realidade da inserção dos casais no mercado de trabalho, a interação deles com as atividades profissionais, os esforços de conciliação do trabalho com a família e suas relações afetivas interessa, na medida em que a necessidade de adaptação da família à sociedade contemporânea emerge progressivamente e em velocidade rápida. Além disso, é imprescindível para a família atual proteger e usufruir das relações interpessoais e afetivas de forma prazerosa e satisfatória.

Questões relativas a valores e ideais também carecem de investigação e motivam perguntas que identificam desejos, ideais, aspirações de casais, pais e famílias circunscritas no mercado de trabalho atual. Frente à ânsia por desempenho financeiro e posição social confortável, estão as preocupações relativas à qualidade dos relacionamentos no âmbito da família, no convívio conjugal e na atenção e cuidados destinados aos filhos.

A família nuclear contemporânea absorve com facilidade os estímulos de consumo do mercado, enquanto luta insistentemente por condições supostamente indispensáveis à vida em sociedade. Entretanto, a tarefa da família para assegurar bem estar físico e emocional a seus membros, agregou mudanças significativas ao convívio familiar na contemporaneidade.

No que se refere às condições econômicas, Jablonski (1999) sugere que tal esforço tem sido ameaçado face às exigências por obtenção de sobrevivência e qualidade de vida. Quanto às demandas afetivas e emocionais, o autor revela que a ausência de ambos os pais tem gerado desconforto emocional, fragilidade na transmissão de valores, bem como inversão deles.

Ainda, a transferência de cultura compartilhada pela escola, mídia, entre outros impacta sobre os valores oriundos da família que ocupa um espaço relativamente tímido na companhia dos filhos. A quantidade de tempo em companhia dos pais é cada vez mais reduzida agravando a sensação de ausência do casal que busca insistentemente agregar vantagens à qualidade do tempo dispensado à prole.

Assim, o desafio dos estudos sobre família é conhecer a medida das transformações vividas por ela, a partir das mudanças que ocorreram na sociedade ao longo do século XX. A ruptura com o modelo tradicional de família e a flexibilização para explorar novos modelos relacionais deve ser uma tendência para tais estudos, neste

momento atual. A relação trabalho e família aparece, então, como eixo significativo da transformação vigente acessível à investigação.

Sobre a criação de filhos, Hoffnung (1995, apud ROCHA-COUTINHO, 2009) justifica que esse é um trabalho social extremamente necessário para a continuidade das sociedades, gratificante para os humanos e altamente valorizado pelas mulheres. Por outro lado, Rocha-Coutinho (2009) pondera que o trabalho constitui-se numa realização pessoal para a mulher inserida no mundo das exigências contemporâneas.

A interação família e trabalho passa, então, a ser um desafio para o exercício da parentalidade, conjugalidade e divisão de tarefas entre os cônjuges. A complexidade dessa interação pode provocar alterações consideráveis para o arranjo conjugal em funcionamento, adverte Diniz (2009).

Ainda, sobre casamento, trabalho e aspectos da realidade brasileira, Nicholson (1987) retrata o paradoxo instalado em uma nova ordem social onde a mulher encontra-se inserida no mercado de trabalho, porém não há mudanças de valores e de normas na gestão da vida familiar e do trabalho.

Gilbert e Rachlin (1987) entendem que o apoio ao outro e a capacidade de empatia com os desafios enfrentados pelo parceiro são fatores importantes para a saúde e qualidade da vida conjugal. Entretanto, a experiência de casais brasileiros aponta para os dilemas que os casais enfrentam para implementar um estilo de vida de duplo trabalho. Eis então a problemática de real relevância neste estudo.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se por ser quantitativo e teve como participantes 30 pais e 30 mães, totalizando 30 casais que convivem juntos e têm filho(s) com idades entre dois e cinco anos. Foi realizado em Santo Antonio de Jesus, cidade do interior da Bahia, com os pais de uma escola particular.

O instrumento foi um questionário adaptado a partir do roteiro construído no Projeto *FAMWORK*. Foram focadas as interações e conciliações família e trabalho, a partir dos segmentos: (a) profissão: realização, satisfação, organização e influências família e trabalho; (b) divisão de tarefas: conflitos e negociações para conciliar

demandas familiares e profissionais; (c) vida familiar: relações do casal e entre pais e filhos; (d) conciliação: estratégias orientadas para a vida comum e vida pessoal.

Houve aprovação do trabalho por Comitê de Ética em Pesquisa. Após isso, ocorreu o sorteio de 20,0% dos alunos matriculados na Educação Infantil da referida escola. Foi então entregue aos pais desses alunos os questionários a serem respondidos, juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido.

Os dados obtidos foram analisados utilizando o programa *Satistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Para as questões abertas foram estabelecidas categorias a partir das respostas encontradas.

Resultados e discussão

No que se refere à realização profissional, 66,4% dos participantes dizem estar muito ou totalmente realizados. Eles alimentam expectativa de evolução profissional, sendo que nos pais, isto é mais intenso. Pais e mães acreditam poder colocar em prática capacidades e habilidades pessoais enquanto trabalham.

Sobre isso, Hackman e Oldhan (1975), defendem que um trabalho realizador é importante para promover a satisfação desejada. Ele garante a possibilidade de uso de competências múltiplas, gerando identificação. Ainda, deve gerar um retorno no que se refere ao desempenho de atividades e ajustes necessários à performance do indivíduo.

Na perspectiva da valorização do trabalho, Borges e Yamamoto (2004), entendem o como possibilidade de aplicação das capacidades humanas por meio do empenho, portanto, de alta centralidade na vida.

Quanto à afirmativa: no final de um dia, sinto-me exausto(a), 64,3% dos pais e 60,0% das mães, tendem a concordar. A soma das alternativas: aplica-se, aplica-se muito e aplica-se totalmente, revelam o cansaço decorrente do trabalho diário, em ambos. O dado remete à reflexão sobre a drenagem de recursos na relação família e trabalho (EDWARDS; ROTHBARD, 2000; FRONE, 2003).

Outro componente avaliado foi o trabalho caracterizado como cansativo. Os pais consideraram um pouco mais cansativo o trabalho que realizam, que as mães. São 33,3% deles, afetados muitas vezes. As mães, 30,0% sentem-se afetadas muitas vezes ou algumas vezes.

Comparando os dados desta pesquisa com o estudo realizado por Rocha, Almeida, Silva e Cezar-Vaz (2011), em artigo publicado sobre influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar, verifica-se uma aproximação nos resultados que salientam o cansaço físico e mental relacionado ao trabalho, influenciando nas tarefas familiares e causando desânimo e irritabilidade. Os homens apresentaram maior preocupação com o pouco tempo disponível em família em razão da profissão, asseguram as autoras, o que também é encontrado nesta pesquisa.

No que se refere à remuneração indevida, 21,7% dos genitores sentem-se muitas vezes afetados. Os pais, 23,3%, dizem sentirem-se afetados algumas vezes, as mães, 23,3% sempre. Os índices são, portanto, coerentes com os resultados sobre faixa de rendimento mensal, apresentados anteriormente, bem como, sobre a remuneração feminina.

Sobre ameaça de perda do emprego, 69,5% do total, nunca se sente ameaçado. São 65,5% de pais e 73,3% de mães. Vale salientar que 30,0% da amostra trabalham no setor público, o que garante uma maior sensação de estabilidade no contexto brasileiro. Entre as mães, 33,3% são funcionárias públicas.

Acerca das implicações imbricadas na relação trabalho e família, um percentual de 53,3% de pais e mães confia na possibilidade de distribuir os turnos do dia, entre trabalho e família, caso exista uma demanda familiar. A propósito, 61,7% dos genitores acreditam conseguir flexibilizar os horários de trabalho. Entretanto, as possibilidades de acordos para mães são menores que para os pais. São 70,0% de pais mais disponíveis, e 53,3% de mães. Vale lembrar que boa parte delas trabalha na Educação, o que pode implicar em horários específicos para aulas, entre outras atividades.

A propósito de possibilidades de dispensa, verifica-se que 86,7%, das mães, confirmam poder obtê-la. Apesar de menor flexibilidade no trabalho, elas são afirmativas no que diz respeito à concessão. Em porcentagem menor do que a delas, 70,0% dos pais acham que podem ser dispensados.

Rocha-Coutinho (2009), em pesquisa realizada com mulheres, constata que para atender os filhos, as mulheres são capazes de afastarem-se da carreira profissional. A autora conclui que o nascimento dos filhos de executivas com alto grau de investimento na carreira, fez com que elas, oscilassem no momento de voltar ao trabalho.

A esse respeito, pais e mães pesquisados afirmam não sofrerem prejuízos na profissão por conta das obrigações familiares: 57,6% do total, 62,1% dos pais e 53,3% das mães, mas cabe destacar que elas, mais do que eles afirmam sofrer prejuízos.

Acerca dos apoios disponíveis pelo empregador, 73,3% dos consultados disseram não obtê-los. Desse total, 80,0% são pais e 66,7% mães. Petrini e Alcântara (2003) argumentam a favor da família quando afirma: a vida familiar para ser efetiva e eficaz depende de condições para sua sustentação e manutenção de seus vínculos. Portanto, o apoio às famílias é uma carência para os participantes.

De acordo com Vêras (2003), vive-se no País em que a estrutura de poder vigente é focada em um modelo econômico que gera crescente riqueza para poucos, que garante e privilegia o crescimento da economia, sem uma política de renda justa e de atendimento às necessidades básicas do cidadão.

Apesar disso, a respeito das formas de apoio para assistência aos filhos, à compreensão dos chefes em relação às pendências familiares e à compreensão advinda do emprego em geral, a tendência dos participantes é de sentirem-se apoiados, entretanto, as mães demonstram maior satisfação que os pais.

Sobre a influência da profissão na vida familiar: a atividade profissional deixa os pais ligeiramente mais cansados para realizarem atividades em casa, que as mães. São: 46,7% dos pais e 43,3% das mães.

Quanto ao uso de capacidades profissionais nas tarefas de casa, verifica-se que ela tende a usar mais as habilidades profissionais em casa, que os pais. No que se refere à disponibilidade para as atividades de casa em proporção às profissionais, nota-se que as mães dedicam mais tempo que os pais. Após um dia estressante de trabalho, os pais sentem-se irritados: muitas vezes ou na metade das vezes.

Do mesmo modo, pesquisas atuais indicam que o trabalho doméstico continua sendo executado pelas mulheres, mesmo quando elas participam ativamente na economia familiar (IBGE, 2006; 2008; MADALOZZO; MARTINS; SHIRATORI, 2008; SOARES; SABÓIA, 2007). Araújo e Escalon (2005) escrevem que os homens são coadjuvantes das mulheres nas atividades domésticas.

A propósito da permanência de preocupações profissionais mesmo depois do expediente de trabalho, os pais conseguem dispersar melhor as preocupações que as mães.

As interações entre trabalho e família constituem-se num importante conflito entre papéis profissionais e familiares. Apesar de tudo isso, não é possível negar que os relacionamentos passam por tensas e rápidas mudanças e as decisões na família resultam cada vez mais de negociações, pontua Goldani (1993).

Polasky e Holahan (1998) justificam que a literatura demonstra o quanto é importante para a saúde e bem-estar do indivíduo, desempenhar-se nos diversos papéis dentro e fora de casa. Tais atividades aumentam a autoestima e oferecem maiores oportunidades de apoio social.

Os resultados sobre as influências da vida familiar na atividade profissional indicam que a vida em família ressoa positivamente sobre as atividades profissionais. O afeto e confiança recebidos promovem autoconfiança para 60,0% dos participantes. O diálogo com o companheiro auxilia na resolução de problemas profissionais, na opinião de 56,7% dos respondentes. Portanto, a repercussão adversa das atividades familiares no trabalho, é mínima. Ainda assim, os dados indicam a presença de alguma preocupação familiar durante a jornada de trabalho, chega-se a: 61,7% de concordância dos participantes.

As redes sociais de apoios usadas pelos genitores no cuidado dos filhos são: babá: 77,5%, avós: 68,2%, amigos: 75,0%, vizinhos 74,4% e outros familiares 69,2%. Os outros familiares: 28% de tios, 10,0% irmãos e 03,2% sobrinhos. Pagam pelos serviços da babá: 88,1%.

Rede social, segundo Lewis (1987, p. 443-444), “é um sistema composto por objetos sociais: pessoas, suas funções e situações que oferecem apoio instrumental e emocional à pessoa, em suas diferentes necessidades”.

A família abarca vários subsistemas a exemplo das relações pai-mãe, irmão-irmão, genitores-filhos, que em constante interação, influenciam e são influenciados uns pelos outros (DESSEN, 1994, 1997; FEIRING; LEWIS, 1978; MINUCHIN, 1985, 1988; TROST, 1995). A dinâmica de funcionamento interno da família está vinculada a outros sistemas fora dela. A escola, o trabalho, os vizinhos, as comunidades e toda a rede social, impactam sobre os intercâmbios entre os sujeitos e influenciam o desenvolvimento dos membros familiares.

Diante de tal concepção, Bronfenbrenner (1996) defende a necessidade de estudar a interdependência e a mútua influência dos processos intra e extrafamiliares no cotidiano das relações em família.

Sendo assim, a Educação Infantil, em um turno, é o apoio externo mais utilizado: 87,8% e a maior parte dos participantes paga por esse serviço educacional. Apenas 11,0% usam dois turnos. Os participantes disseram usar as atividades alternativas (85,0%) e os parques e praças (54,5%). Pagam pelo apoio 82,9% e 23,5% respectivamente.

Sintetizando, as babás e a Educação Infantil são apoios disponíveis e usados pelos genitores, há ressalvas quanto à confiança na babá. Sobre instituição de Educação Infantil, os pais consideram o benefício importante para o desenvolvimento dos filhos.

Tais dados indicam a preocupação dos adultos com a educação dos filhos, refletida por Moreira e Biasoli-Alves (2008). Segundo as autoras, os pais e as mães sentem-se protagonistas da educação da prole.

Comparando os achados desse estudo com outros também pensados a partir do Projeto *Famwork*, vale identificar resultados comuns como: o estresse físico e mental relacionado ao trabalho, influenciando nas tarefas familiares e causando apatia; importância de redes de apoio familiar como recorrência, diante da resolução dos problemas profissionais e na criação de um ambiente propício ao enfrentamento dos desafios impostos pelo trabalho; percepção positiva dos participantes quanto à vida familiar, consciência de que ela não prejudica a atividade profissional, entretanto, consideram a influência do pensamento familiar no trabalho. Discernimento de que tais influências não anulam a conciliação entre vida familiar e atividade profissional; compreensão da necessidade de adaptar comportamentos para lidar com as demandas da interação família/trabalho: dividir tarefas domésticas muito embora as mulheres ainda sintam-se sobrecarregadas, maior inclinação dos pais para cuidar dos filhos; busca constante por atividades profissionais flexíveis e sensíveis às atividades familiares a fim de gerar mais satisfação, autonomia profissional e produtividade.

Finalmente, os casais pesquisados apresentam mais semelhanças que diferenças de concepções e práticas na relação família-trabalho. O modelo conjugal delineado e indicado para denominar o tipo do relacionamento da maioria: casais mistos (profissionais de carreira ou de trabalho em turno integral) coincide com a realidade vivida pelos casais atuais, no contexto da contemporaneidade e das demandas advindas desse momento social, econômico e histórico.

A fim de desenhar a diversidade dos novos modelos conjugais na relação com o trabalho, Giddens (2005), escreve que a globalização econômica vem afetando as

relações familiares, afinal, o empreendimento econômico representa um índice de sucesso nas relações contemporâneas. Homens e mulheres trabalham juntos e duramente para produzir um patrimônio familiar confortável. Tal perspectiva quebra o pacto da vida pública para o homem e privada para a mulher. A relação é intensamente balizada pela parceria econômica, além da afetiva.

Conforme o autor, o lugar do masculino e do feminino constituídos culturalmente deforma-se. O homem compreende a desmistificação relativa às tarefas domésticas e cuidados com os filhos, antes recomendado às mulheres e mães, apesar de nem sempre, mostrar-se pronto e disposto para isto.

O tempo é de viver uma transição e flexibilização de papéis relativizados entre sexos em prol do fortalecimento e satisfação das relações. Neste contexto, a conjugalidade é um espaço de aquisição amorosa em que os sujeitos se reconhecem complementares e dividem desejos pessoais relativos também à profissionalização. Fala-se de uma afinidade de clara significação na vida de cada cônjuge mediante alto grau de intimidade entre os pares e legitimidade entre os adultos.

Mesmo assim, Singly (2007) atenta para as marcas da individualidade do casal contemporâneo. O autor realça a cautela dispensada à qualidade das relações conjugais no espaço familiar em conformidade com as particularidades do casal. Tais relacionamentos constituem-se a partir das identidades desvalorizando a dependência e estimulando o reconhecimento da identidade pessoal.

Considerações finais

Contemplado o conjunto de dados obtidos, em síntese os resultados revelam: os casais trabalham em turno integral, vivenciam relações conjugais, parentais e profissionais e reconhecem interesses individuais, enquanto desenvolvem estratégias de conciliação entre trabalho e família. Os participantes reconhecem as implicações e interações entre as duas esferas: família e trabalho, bem como, a centralidade delas na vida pessoal. Neste sentido, pais e mães buscam dividir tarefas familiares, apoiar-se em familiares e apoios externos (babás, escola/instituição de educação infantil), como principais estratégias de conciliação. Fazem revezamento de horários entre os pares,

procuram redução de carga horária de trabalho, planejam e organizam horários, agendas e tarefas, distribuindo obrigações.

Finalmente, conclui-se que existe um esforço real entre os casais e profissionais para conciliar família e trabalho. Verifica-se a necessidade de outros estudos que aprofundem e ampliem os resultados aqui apresentados.

Referências

ARAÚJO, C.; ESCALON, C. *Gênero, família e trabalho no Brasil*. RJ: FGV, 2005.

BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. O significado do trabalho para psicólogos brasileiros. In: BASTOS, A. V. B. e GONDIM, S. M. G. (Orgs). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BRONFENBRENNER, U. *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAMPANINI, G. *Realtà e problemi della famiglia contemporanea*. Milano: Paoline, 1989.

CASTELLS, M. *Il potere delle identità*. Tradução: PANNOFINO, G. Milano: Università Bocconi Editore, 2003. (Original publicado em 1997).

CLARK, S. C. Work/family border theory: a new theory of work/family balance. *Human Relations*, 53, 6, 2000, p. 747-770.

DESSEN, M. A. Interações e relações no contexto familiar: questões teóricas e metodológicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 10, 1994, p. 213-220.

DESSEN, M. A. Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia*, v. 3, 1997, p. 51-61.

Diniz, G. Dilemas de trabalho, papel de gênero e matrimônio em casais que trabalham fora em tempo integral. Em Féres-Carneiro, T. (Org.). *Coletâneas da ANPEPP*, 1996.

DINIZ, G. R. S. Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. Em: Féres-Carneiro, T. (org). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

- DONATI, P. *Manuale di sociologia della famiglia*. Bari: Laterza, 1998.
- EBY, L. T.; MAHER, C. P.; BUTTS, M. M. The Intersection of Work and Family life: the role of affect. *Annu Rev Psychol.* 61, 2010, p. 599-622.
- EDWARDS, J. R.; ROTHBARD, N. P. Mechanisms linking work and family: clarifying the relationship between work and family constructs. *The Academy of Management Review*, 25, 2000, p. 178-199.
- FEIRING, LEWIS. The child as a member of the family system. *Behavioral Science*, 23, 1978, p. 225-233.
- FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 2003.
- FERES-CARNEIRO, T. *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- FERES-CARNEIRO, T.; PONCIANO, E. L. T.; MAGALHÃES, A. S. Família e casal: da tradição à modernidade. Em: CERVENY, C. M. O. (Org.). *Família em movimento*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 23-36.
- FREYRE, G. *Casa Grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- FRONE, M. R. Work-family balance. In: QUICK, J. C.; TETRICK, L. E. (Orgs.). *Handbook of Occupational Health Psychology*. Washignton: American Psychological Association, 2003.
- GILBERT, L. A.; RACHLIN, V. *Mental health end Psychological Functioning of Dual-Career families*. The Counseling Psychologist, 1987.
- GIDDENS, A. *Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GILBERT, L. A.; RACHLIN, V. *Mental health end Psychological Functioning of Dual-Career families*. The Counseling Psychologist, 1987.
- GOLDANI, A. M. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. Em: *Caderno PAGU* n. 1 – publicação IFCH/UNICAMP – Campinas, 2003.
- HACKMAN, J.; OLHDAN, G. Development of job diagnostic survey. *Journal of Applied Psychology*, 60(2), 159-170, 1975.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Estudos e pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 19, Síntese dos indicadores

sociais, 2006. Recuperado em 23 jan. 2010, em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindic sociais2006/indic_sociais2006.pdf

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, 2008. Acesso em 23 jan. 2010.

JABLONSKI, B. Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. Em Féres-Carneiro, T. *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 141-168.

JABLONSKI, B. Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: entre a tradição e transformação*. Rio de Janeiro: NAU, 1999, p. 55-69.

LEWIS, M. Social development in infancy and early childhood. Em J.D. Osofsky (Org.). *Handbook of infant development*. New York: Wiley, 1987, p. 419-493.

MADALOZZO, R. C.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L. Participação do Mercado e no Trabalho Doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? *Revista Estudos Feministas* (impresso). UFSC, 2008.

MOREIRA, L. V. C.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. O olhar dos pais de camada média sobre educação dos filhos. Em MOREIRA, L.; CARVALHO A (Org.). *Família e Educação: Olhares de Psicologia*. São Paulo: Paulinas, 2008.

NAMASIVAYAM, K.; ZHAO, X. An investigation of the moderating effects of organizational commitment on the relationships between work-family conflict and job satisfaction among hospitality employees in India. *Tourism Management*, 28, 2007, p. 1212-1223.

NICHOLSON, Linda, Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, vol. 8, nº 2, Brasil, Santa Catarina, 2000, p.8-41.

PETRINI, G.; ALCÂNTARA, M. A família em mudança. *Revista Veritati*, v. 2, n.2, 2003, p.79-93.

PETRINI, J. C. A relação nupcial no contexto das mudanças familiares. In: JACQUET, C.; COSTA, L. F. (Orgs.) *Família em Mudança*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

POLASKY, L. J.; HOLAHAN, C. K. Maternal self-discrepancies, inter-role conflict, and negative affect among married professional women with children. *Journal of Family Psychology*, 12(3), 388-401. 1998.

ROCHA, L. P.; ALMEIDA, M. C. V.; SILVA, M. R. S.; CEZAR-VAZ, M. R. Influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar: percepção de pais/mães. *Acta Paul Enferm*, 24 (3), 2011, p. 373-80.

ROCHA-COUTINHO, M. L.. De volta ao lar: mulheres que se afastaram de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. Retrocesso ou um "novo" modelo de família. Em: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

SILVA, M.. Vida profissional e familiar: padrões de conflito e facilitação na gestão de múltiplos papéis. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto, 2007

SINGLY, F. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOARES, C.; SABOIA, A. L. *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

TROST, J. O processo de formação da família. Em GOMES-PEDRO, J.; PATRÍCIO, M. F. (Orgs.), *Bebé XXI: criança e família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 55-67.

VÉRAS, M. P. B. Prefácio à edição brasileira. Em PAUGAM, S. *Desqualificação social – ensaio sobre a nova pobreza*. Trad. de C. Giorgetti e T. Lourenço. Ed. São Paulo: Cortez/Educ, 2003, p. 13-29.